

MEMÓRIAS
DE UM
EMPREGADO
FEDERIGO
TOZZI

TRADUÇÃO MAURÍCIO SANTANA DIAS
POSFÁCIO MARIA BETÂNIA AMOROSO

CARAMBAIA

Arrancar-me da embriaguez do ócio e da vagabundagem a que me abandonei livremente dos 15 aos 20 anos me parece uma sutil crueldade. E me ofendo quando alguém tenta me convencer de que eu também devo tomar uma estrada menos cômoda, porém mais séria. Um jovem inteligente e apaixonado não tem o direito de fazer o que bem entende? O amor me ocupa toda a minha alma; e me parece a única atividade adequada à minha consciência e altivez. Que não soe estranho o fato de eu me sentir ambicioso demais; aliás, por isso mesmo não quero trabalhar como todos os outros; e persisto na intenção de esperar, dia após dia, uma sorte privilegiada tal qual a imagino. E não admito transações.

5 DE JANEIRO

No fim das contas, fui posto entre a cruz e a espada por meu pai, que, me mostrando o renque de irmãos e irmãs, me convenceu a concorrer a uma vaga nas Ferrovias do Estado. Uma mirada, meio tímida e desdenhosa, à minha mãe grávida e ainda jovem me faz baixar a cabeça e chorar.

Quando fico sabendo que fui bem nos exames, o que mais lamento é ter de deixar a namorada. Amo de verdade minha Attilia; e ir embora de Florença, mandado a sabe-se lá qual estação, me dá a sensação de culpa por um crime. Pego a fotografia de Attilia e, banhando-a prazerosamente em lágrimas, lhe juro, como se ela estivesse bem na minha frente, que não é culpa minha. Como e bebo minhas lágrimas com uma voracidade que me deixa ainda mais desesperado.

Minha mãe me flagra e, com uma expressão em que percebo uma contrariedade absoluta e imutável, quase uma hostilidade egoísta, me diz:

— Gostaria de trazer a esposa para nossa casa? Acha por acaso que já não somos muitos sem ela?

Não tenho coragem de lhe responder; mas, com um calafrio a me correr por dentro da cabeça, faço-a notar que não estou disposto a ceder. E então me espanto por ter conseguido, pela primeira vez, desobedecer a minha mãe. Olho me-

lhor para ela, quase com medo de mim mesmo; e ela, sem me dar mais atenção, abre as gavetas da cômoda para recontar a roupa que terei de levar comigo. As camisas são só três, as cuecas, duas, faltam os coletes de lã; os lenços precisam de um monograma para que a lavadeira não os misture com os dos outros ou os perca, os colarinhos já não absorvem a goma. Depois de terminar, ela me diz:

— Sua namorada deveria pensar em refazer suas roupas, já que ela se preocupa tanto contigo!

Eu, exaltado de alegria por defender Attilia, tiro do fundo da escrivaninha que me serve de esconderijo, e que creio a salvo de qualquer bisbilhotice, um embrulho bem amarrado; e consigo abri-lo com uma rapidez delicada:

— Olhe: ela me deu de presente esta gravata!

Parece-me tão bonita que mais uma vez meus olhos se enchem de lágrimas.

Ao me ver daquele jeito, minha mãe não ousa tocá-la para ver o avesso da costura; mas a despreza:

— Não vai durar nem um mês. É seda de má qualidade.

Então digo uma mentira:

— Ela também vai me comprar um par de sapatos.

Minha mãe fica pálida:

— E você não se envergonha de se vestir à custa dela?

Estou para confessar que menti, sinto a respiração me encher o peito como se fosse estourar. E respondo:

— Você não a conhece, não pode pensar mal dela.

— Eu conheço as mulheres melhor que você.

Tremendo, pergunto:

— Quando a encontrou?

— Pela fotografia, não me agrada. Por que se penteia desse modo?

Invento, com mais prazer ainda, outra mentira:

— Fui eu que pedi a ela.

— Não acredito. Você nunca diria a uma mulher como ela deve se pentear. É ela que mandará sempre em você.

— Você acha que, por gostar dela, eu lhe obedeco?

Enquanto isso, ela examina de viés a fotogra-

fia sobre a escrivadinha; com os olhos de mulher grávida, cintilantes, e as pálpebras baixas, parece agitada e pensativa. Sua proximidade é mais forte que a lembrança de Attilia: é preciso que minha mãe também goste dela.

E eu lhe peço:

— Promete falar com ela só uma vez, antes que eu vá embora?

— Vou falar com seu pai.

Enrubesço e me sinto sem coragem, embora experimente um prazer perturbador.

Inesperadamente, pela porta que tinha ficado aberta, entram minhas três irmãs, todas de 7 a 12 anos. Tenho apenas o tempo de virar a fotografia para baixo; e minha mãe, aproximando-se delas enquanto acaricia seus cabelos, me diz sorrindo:

— Você se envergonha até de si mesmo!

E eu, já sozinho, procuro entender se senti vergonha de mim mesmo ou deles.

Ontem à noite, durante o jantar, todos queriam rir de mim, porque minha mãe deve ter contado a todos sobre minha namorada.

Apenas os olhos da irmãzinha menor pareciam incapazes de me fixar com ironia, por mais que ela, mirando ao redor, buscasse o modo mais justo de obedecer aos outros, achando que aquilo era o certo. Meu pai me disse:

— Você vai nos escrever pelo menos duas vezes por semana. Você deve pensar em seus pais acima de qualquer pessoa.

Eu quis responder que ele estava aludindo à minha namorada, mas me faltaram forças. Não ousava sequer dizer que estava apaixonado. Em vez disso, perguntei:

— Quando vou partir?

— Acho que vão chamá-lo no fim do mês.

Meus dois irmãos arregalaram os olhos e ficaram sérios. O mais novo dos três falou:

— Vamos lhe mandar uns cartões-postais.

Mas minha mãe não gostou:

— Vocês vão mandar lembranças e assinar o nome quando nós escrevermos para ele.

Depois de terminar um prato, meu pai disse:

— No emprego você vai criar juízo; não vai ficar pensando em besteira. Se ficar devaneando, seu salário continuará sempre o mesmo. E, antes de perder a cabeça com coisas que dizem respeito a homens já independentes, é mais útil para você que eu lhe diga como deve agir. Você me escreve, e eu lhe respondo.

Meus irmãos riram, mas logo pararam. O pai continuou:

— A obediência aos pais não faz vergonha a ninguém. Todos sempre obedeceram. E, se quiser se casar tão novo assim, eu não darei minha permissão.

As irmãs e os irmãos começaram a gritar, rindo e batendo os talheres nos pratos. Meu pai disse:

— Vocês façam silêncio, e alguém vá buscar a torta para comemorarmos a partida próxima de Leopoldo.

Agora me pergunto por que comi a torta e por que me esqueci de Attilia.

Toda a minha família estava na estação. Meu pai, nervoso, manteve as mãos sempre nos bolsos; mas a satisfação por eu ter encontrado um emprego o tornava até grosseiro com as pessoas em quem esbarrava. Minha mãe tinha uma expressão feroz; e tive medo de que adivinhasse onde se escondia minha namorada, que viera se despedir. Meus irmãos bocejavam e falavam da escola; minhas irmãs estavam vestidas com roupa de festa, e as duas mais velhas procuravam se fazer notar.

Quando o trem se moveu, me senti aliviado, mas não consegui rever minha namorada.

Escrevo no trem, num caderninho apoiado nos joelhos; tenho vontade de tirar do bolso do casaco a bela rosa, fechada e dura, que Attilia me deu; e, ao tocá-la, acho que me trará sorte.

O desentendimento que ficou entre mim e minha família, por causa da namorada, me deixou confuso. É preciso que eu me torne uma pessoa má para não renunciar ao respeito que dedico à minha alma? Estaria me aproximando, quem sabe, daquela malícia que dizem indispensável ao aprendizado? Até aqui, acho que posso passar sem ela — para sempre. Mas é tão difícil ser bom? Quando consigo, todas as coisas me parecem bonitas. Ninguém compreende o quanto amo Attilia. Perdo dela, um êxtase maravilhoso toma minha vontade e meus sentidos. O tempo não existe mais, somente um espaço infinito. Quando ela fala comigo, aperto-lhe as mãos em agradecimento.

Faz três horas que estou viajando e o tempo todo pensei nela; parece-me que ela está sempre fora do vagão, correndo com o trem, para não me deixar.

Há prazeres que fazem tão mal quanto a dor. E sei que nesta primavera me comporto feito um

tonto que não consegue dizer duas palavras. Estou envergonhado e tenho medo até de meu riso.

Algumas vezes, dormindo, me voltam sensações da realidade que me assustam. Mas a realidade sentida no sonho tem o gosto que minha alma lhe confere naquele momento. Eu a meço com minha atitude habitual; e talvez não passe de um vago esboço que vive dentro de mim.

Agora, ao contrário, sinto o sabor da morte que virá sem se saber como; justo pela mesma razão que me fez começar a viver.

Chego a Pontedera depois das oito da noite. Pego a mala, pesada e incômoda, e me apresento ao chefe da estação. Quando entro em sua sala, ele nem se levanta da cadeira. É um homem velho, de barba grisalha; usa um barrete vermelho e fuma cachimbo. A lâmpada elétrica que pende sobre a escrivaninha ilumina muito pouco; e mal percebo os outros funcionários, que estão ali, me observando. O chefe da estação me pergunta:

— Tem prática no serviço?

Eu enrubesço e respondo:

— Não, é a primeira vez que entro numa estação. Faz um mês que prestei o concurso.

Ele olha para os outros, que parecem insatisfeitos e furiosos. Em seguida, conformado, me ordena:

— Amanhã, às sete, esteja aqui.

Ao sair, ouço-o esbravejar contra a direção do setor por lhe ter mandado um empregado inepto e não um já experiente.

Imediatamente me sinto ofendido e irritado; mas, para me habituar logo às contrariedades, dou minha mala a um servente, a quem ouço chamar de Drago; digo-lhe que me leve a um refeitório onde também possa dormir.

Ao longo da rua, ele me segue bem de perto e me observa sem parar. Eu me zango e apresso o passo; pago e me sento a uma mesa da estalagem.

Drago gostaria de ter ficado para beber um copo de vinho comigo e, ofendido por eu não o ter convidado, me olha de soslaio com uma ironia provocante e maldosa.

Antes de se aproximar, a proprietária da estalagem me estuda demoradamente, apoiando-se com ambas as mãos nos batentes da porta. Então abaixo os olhos. Quando torno a levantá-los, vejo que ela não está mais ali. Em vez disso, eu a ouço vociferar com Drago, que aceita tudo, gemendo com a garganta rouca. Só não saio porque o peso de meu corpo é mais forte que eu.

Um maquinista come dois ovos, dá uma olhada no jornal aberto e outra em mim. Impaciento-me e bato com os nós dos dedos no prato vazio à minha frente. Ouço um barulho de cadeiras arrastadas,

um vozerio abafado; e uma mulher, alta e imponente, vem perguntar o que quero. É a garçonete.

— Comer — respondo.

— Então vou chamar a proprietária.

Esta, que esperava atrás da porta, aparece; e ambas me observam silenciosas. O maquinista fixa o olhar tão intensamente em minha direção que me vejo forçado a virar para o outro lado. Com uma voz que tento tornar gentil, pergunto:

— O que tem hoje?

Mas a proprietária é ainda mais intratável e pretende me mostrar que não devo ser tão exigente:

— Quer uma sopa, dois ovos, um bife...

— Um bife.

Ela não disfarça seu ar ofendido:

— Não quer a sopa?

— Não.

— Mas temos um caldo excelente!

E olha para o maquinista, para que a apoie. Porém, me mantenho firme:

— Eu quero um bife.

Então, com um desdém implacável, me responde:

— Sim, senhor.

Dou-me conta de minha grande antipatia; e o maquinista, com um olhar atravessado, me confirma isso de maneira evidente.

Como e vou para a cama; mas, antes, tenho de provar a todos os que estão na estalagem que sou o novo empregado.

E, agora, preciso escrever para Attilia; mas pela primeira vez sinto que meu ânimo está impregnado daquilo que fiz e vi durante o dia de trabalho. Posso escrever a ela sobre essas coisas? Meu sentimento é parecido ao de um camundongo surpreendido em uma sala que se encheu de gente antes de ter tido tempo de voltar à toca. Por isso, apesar de meus olhos a procurarem no escuro, não posso escrever-lhe.

Então torno a descer da cama para tirar do bolso sua rosa e prendê-la no canto do espelho.

Levanto-me cedíssimo. Ouço duas ou três sirenes e abro a janela. O Arno e toda a cidade estão cobertos de neblina; mas, sobre uma construção, distingo o pequeno fio de fumaça que sai de uma das sirenes. Um trem chega. Sobre a barragem do rio, caminhando em fila, no sentido contrário ao do trem, há três mocinhas.

Visto-me e vou ao escritório. Meus colegas tomam o café da manhã com pão e uma fatia de toucinho.

Estou muito embaraçado; evito falar. Nesse meio-tempo, entra o diretor. Se não tivesse os óculos e o chapéu negro com listras douradas, eu o tomaria por um camponês baixo e robusto, de bigodes claros e olhos de um azul-celeste muito claro e gelado. Tiro o chapéu, e ele me pergunta com um ar entre indagador e malicioso:

— Por que ontem à noite não veio jantar conosco? Já havíamos preparado seu lugar.

— Não sabia onde encontrá-los.